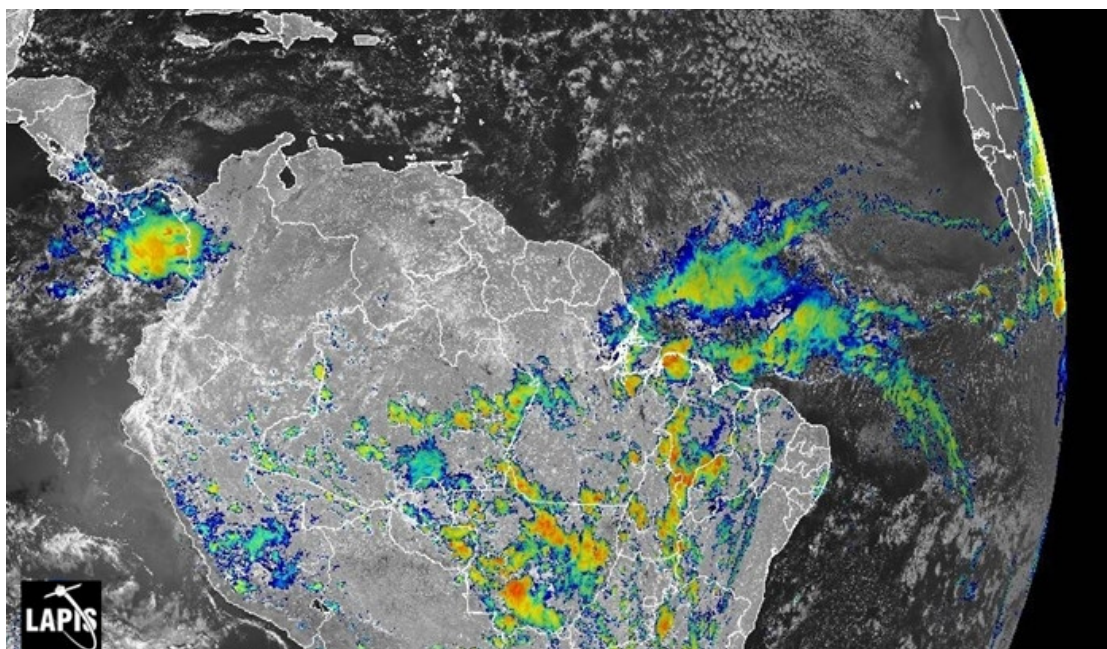


Risco climático atinge áreas desde o Sudeste até o Norte e Nordeste

Por Letras Ambientais

criado em: 01/02/2025 | atualizado em: 01/02/2025 15h50



Neste post, atualizamos a atual condição climática das regiões brasileiras, a **partir de mapas e produtos de satélites**. Os dados e informações utilizadas fazem parte do monitoramento semanal do Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélites ([Lapis](#)).

O [alto risco climático](#) do Brasil se concentra atualmente em áreas que vão **desde o Sudeste até as regiões Norte e Nordeste**. As temperaturas ficam mais amenas. De acordo com o mapa do Índice de Risco Climático (IRC), para este dia 1º de fevereiro, o cinza intenso indica áreas de instabilidade atmosférica, favorecendo uma maior cobertura de nuvens e chuvas com possíveis trovoadas.

No mapa, a escala de IRC negativa (cor cinza), quer dizer que não há influência direta da mudança climática na temperatura local, mas **predomínio de cobertura de nuvens** e áreas de instabilidade.

Já a escala de IRC em +5 indica que a temperatura está 5 vezes maior, por [influência da mudança climática](#). Essa escala de risco **indica que a mudança climática alterou a temperatura local**. Vale lembrar que há outras influências sobre a temperatura local, requerendo estudos específicos.

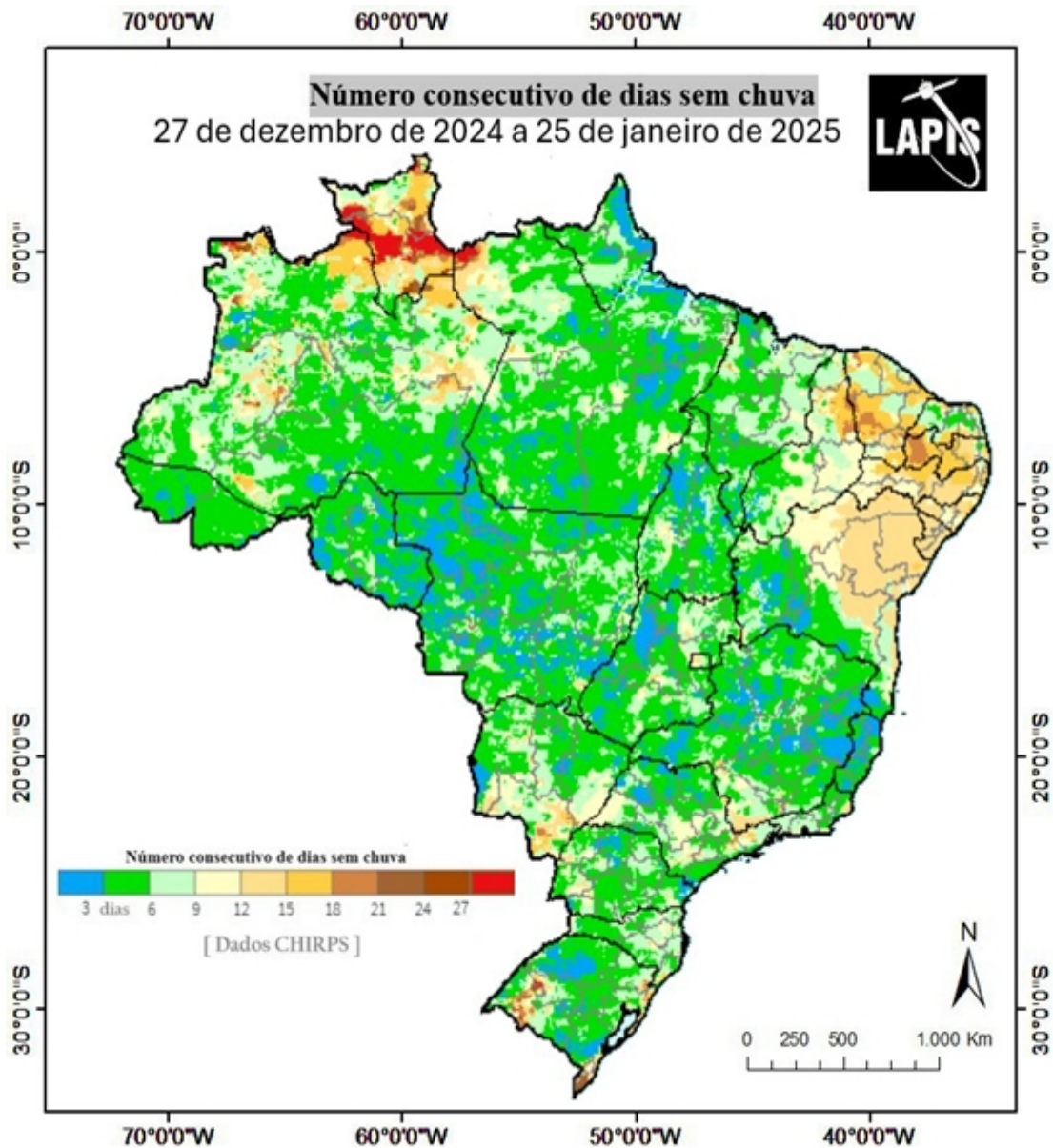
A presença do **sistema alongado de baixa pressão sobre o oceano Atlântico**, na altura do litoral de São Paulo, favorece a permanência da maior concentração de nebulosidade e chuvas em momentos do dia, entre São Paulo (SP) e Brasília (DF).

Na meteorologia tropical, “*overshootings*” é o nome dado às nuvens Cumulonimbus (Cb), que são enormes, chegam na estratosfera e liberam muito calor latente. Durante a tarde, com o maior aquecimento diurno e a disponibilidade de umidade, **esperam-se pancadas isoladas de chuva**, que

podem, em alguns casos, se caracterizar como temporais pontuais.

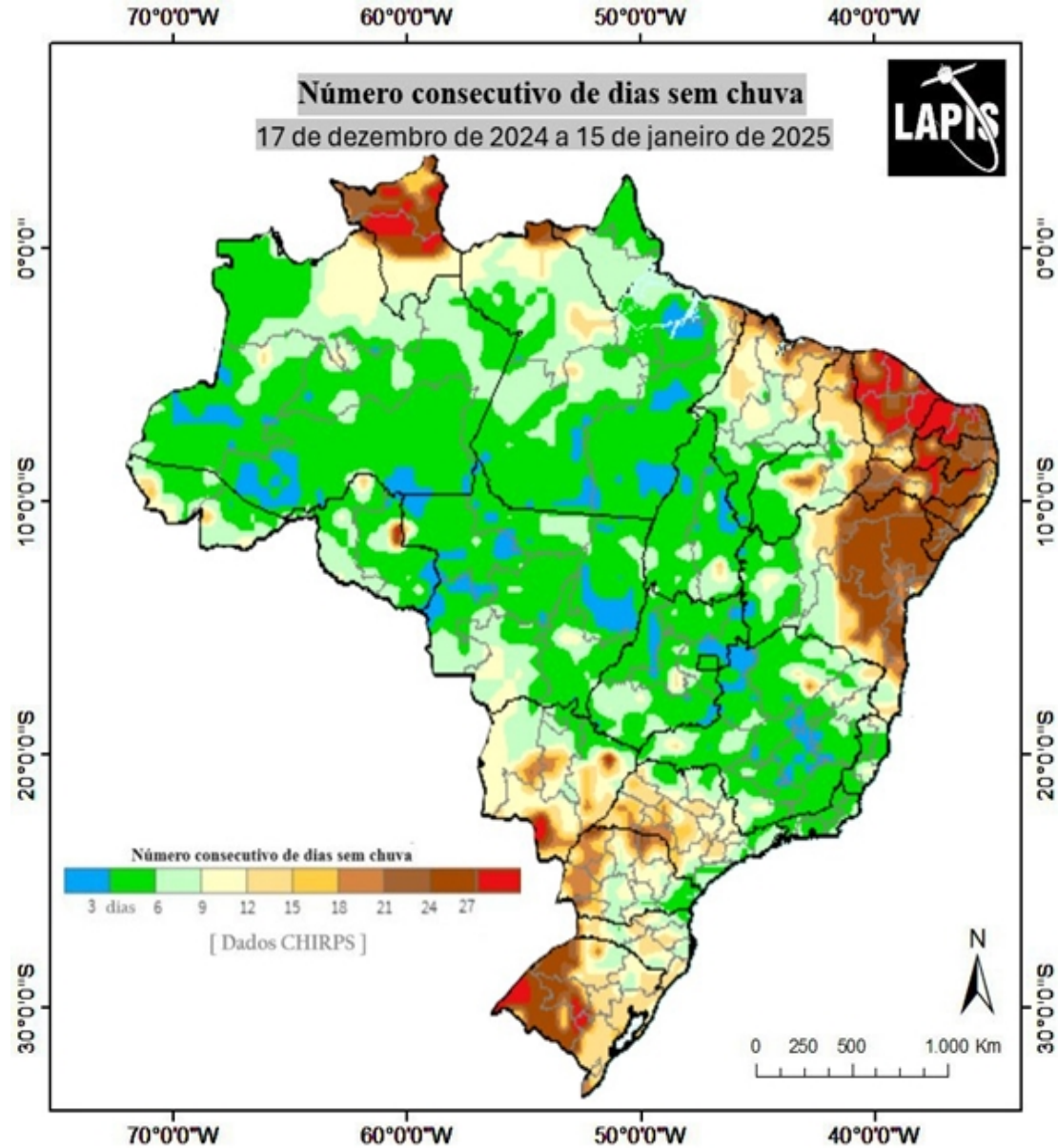
>> **Leia também:** [La Niña chega com características incomuns. O que isso significa para o clima?](#)

Estiagem diminui no Nordeste e na região Sul



O monitoramento por satélite do Laboratório Lapis mostra redução do **número de dias consecutivos de estiagem**, [em grande parte do Nordeste brasileiro](#) e em áreas do Centro-Sul do País.

Comparando com o mesmo mapa do mês anterior (*Veja imagem abaixo*), você pode observar que **houve redução do número de dias secos** em grande parte do País. No caso da [região Nordeste](#), Rio Grande do Sul e sudoeste de Mato Grosso do Sul, houve uma redução drástica das áreas afetadas com seca-relâmpago.



O mapa mensal do número de dias secos mostra a situação da estiagem nas regiões brasileiras, desde o dia 27 de dezembro do ano passado até 25 de janeiro deste ano. Com a mudança de cenário, você pode observar que **quase todos os estados brasileiros** passaram a receber chuvas mais regulares, na segunda quinzena de janeiro.

No mapa, as áreas em vermelho **indicam onde não ocorreu chuva**, nos últimos 30 dias. Já as áreas em verde mostram chuvas regulares ou os locais

que tiveram apenas 1 a 3 dias sem chover, durante o período.

“Seca-relâmpago” (*flash-droughts*, do termo em inglês) é um extremo climático de curta duração e forte intensidade, associado às altas temperaturas. **Essa nova tipologia de seca**, que se tornou comum com a mudança climática, afeta severamente vegetações, ecossistemas e prejudica as colheitas.

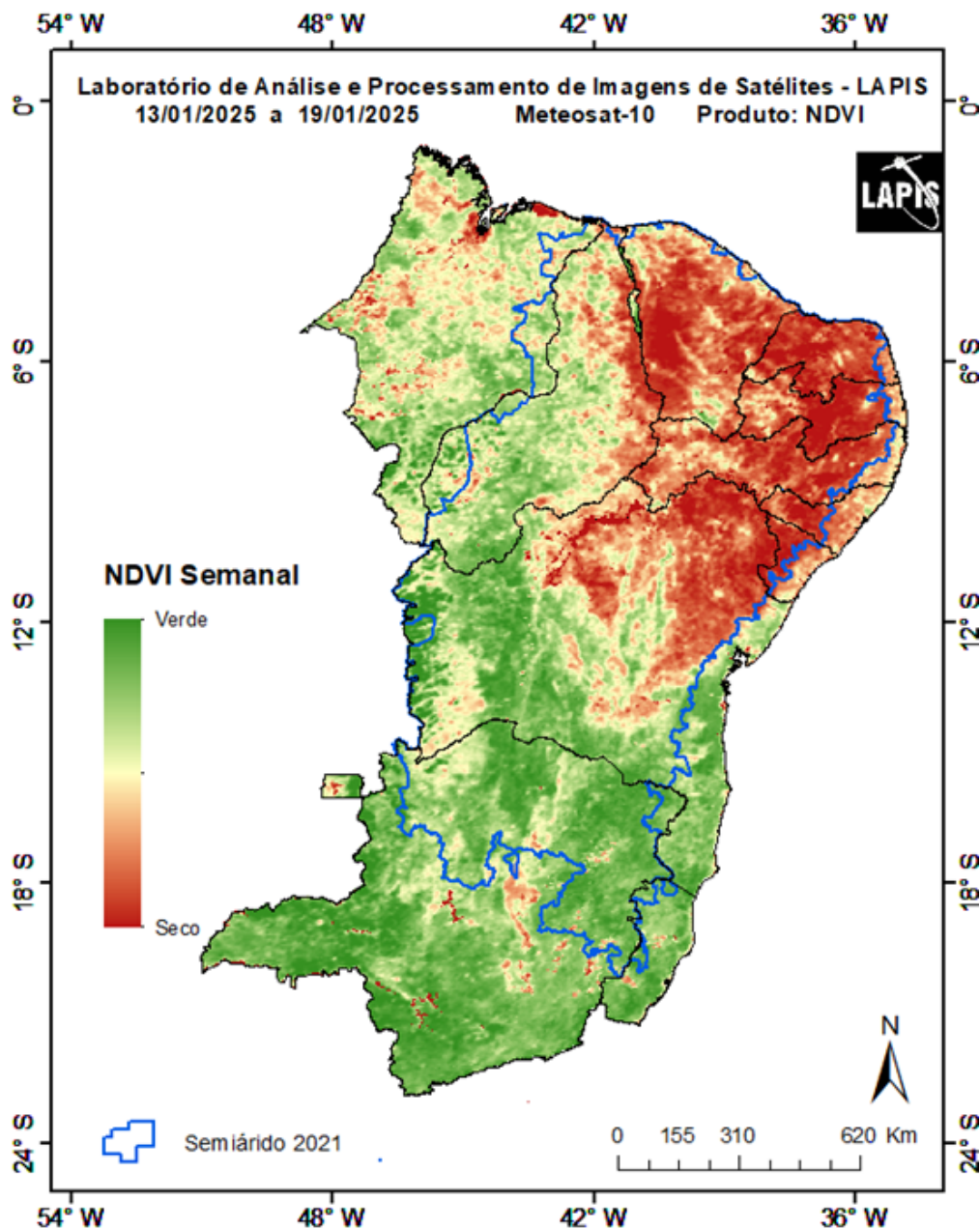
O meteorologista Humberto Barbosa, fundador do Laboratório Lapis, pesquisou **esse tipo de extremo climático** no Semiárido brasileiro. Foi a primeira pesquisa sobre o assunto no Brasil e na América Latina.

No [Livro “Um século de secas”](#), analisamos as secas do período de mais de um século no Semiárido (1901-2016). Das 32 secas ocorridas na região, e dos **30 eventos de El Niño registrados no período**, em apenas 70% dos casos houve [associação direta entre secas e El Niño](#).

Para entender mais **sobre essa influência nas chuvas do Nordeste**, acesse a nossa Livraria sem fins lucrativos e conheça o [Livro “Um século de secas”](#), o mais completo sobre a região.

>> **Leia também:** [Situação do Atlântico melhora previsão climática para o Norte e Nordeste](#)

Mapeamento mostra situação da cobertura vegetal do Semiárido



O Laboratório Lapis monitora semanalmente a situação da cobertura vegetal no Semiárido brasileiro, **a partir de dados de satélites**. O mapa foi gerado no *software* livre QGIS, a partir do [Índice de Vegetação por Diferença Normalizada \(NDVI\)](#), com dados do período de 13 a 19 de janeiro.

Você pode observar, no mapa, que apesar das chuvas no Semiárido, a vegetação continua seca, desde o nordeste da Bahia até o Ceará. A demora

na **recuperação da cobertura vegetal** se deve à memória da longa seca e altas temperaturas enfrentadas pela região, pelo menos desde agosto do ano passado.

O mapa foi processado com dados do satélite Meteosat-10 e resolução de 3 km. O NDVI é um dos indicadores mais importantes para monitoramento dos **impactos da seca sobre a vegetação**.

Em 2009, o Laboratório implantou um protótipo para gerar o **mapa de NDVI de frequência diária**, [para todo o Brasil](#). Esse modelo foi aperfeiçoado e calibrado, de modo que hoje, são divulgados mapas semanais cobrindo todo o território brasileiro. O produto foi processado com dados do satélite Meteosat-10 e resolução de 3 km.

>> **Leia também:** [Entenda os 5 fenômenos que trazem chuvas para o Nordeste, durante o verão](#)

Mais informações

Os mapas e produtos de satélite utilizados em nossos posts são gerados no QGIS, o *software* livre de Geoprocessamento mais usado do mundo. **Você pode passar 01 ano inteiro sendo treinado pelo Laboratório Lapis**. O [Curso online "Mapa da Mina"](#) ensina o método exclusivo da equipe interna do Laboratório para dominar o QGIS, do zero ao avançado. Inscrições abertas [neste link](#).

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

